



DISCUTINDO A DIVERSIDADE SEXUAL EM SALA DE AULA: ROMPENDO O FORMALISMO CURRICULAR NO ENSINO DE CIÊNCIAS

Guilherme Augusto Maciel Ribeiro (1); Edmar Reis Thiengo (2)

Autor (1); Orientador (2)

*Programa de Pós-graduação em Educação
Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática – IFES/ Campus Vitória (ES)*

gamribeiro@gmail.com; thiengo.thiengo@gmail.com

RESUMO: Tornar pública as discussões sobre a sexualidade na práxis educativa é algo desafiador para a atividade docente, sobretudo nas séries finais do Ensino Fundamental. Primeiro, porque há certo grau de conservadorismo em se problematizar a sexualidade dos adolescentes por parte dos professores, quase sempre silenciadores deste assunto no cotidiano de suas práticas educativas. Em segundo, pois poucos são os recursos pedagógicos disponíveis para a orientação da equipe pedagógica na tratativa dessa temática. Diante deste quadro, questiona-se como a escola tem promovido situações de debates sobre a sexualidade dos adolescentes. No mesmo contexto, investiga-se saber de que maneira os recursos pedagógicos disponíveis na escola contribuem para o desenvolvimento de uma reflexão crítica junto às situações de aprendizagem correntes no ensino formal (ou informal), neste momento, representado pela disciplina de Ciências. Para tanto, foi promovido um momento de provocação sobre sexualidade junto aos alunos do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Cachoeiro de Itapemirim (ES), sendo acompanhado de um estudo sobre alguns livros didáticos de Ciências disponíveis no ambiente escolar cujos capítulos retratavam a temática suscitada. Constatou-se que há lacunas significativas para o tratamento da Diversidade Sexual nos livros didáticos de Ciências, o que pode vir a obscurecer o trabalho docente, favorecendo a prevalência de um currículo oculto, paralelo ao formal, sobre a temática em análise. Na mesma corrente de discussões, observou-se que a percepção dos alunos, quando provocados para o debate, é carregada de estereótipos e preconceitos, o que sugere a necessidade de promoção de atividades transversalizadas para a lida desta temática tão conflituosa nos ambientes formais de ensino.

Palavras-chave: Livro Didático, Diversidade Sexual, Currículo de Ciências, Currículo Oculto, Transversalidade.

INTRODUÇÃO:

É senso comum que a temática Diversidade Sexual está cada vez mais presente nos ambientes de aprendizagem, sobretudo na sala de aula. Normalmente, está associado à figura do professor de Ciências, durante o desenvolvimento de suas atividades didáticas pedagógicas de ensino,

principalmente quando se aborda o conteúdo “reprodução humana”.

A curiosidade de conhecimento sobre o próprio corpo e suas transformações em meio a puberdade, impulsiona os estudantes a se questionar (principalmente ao professor de Ciências) sobre assuntos correlatos à sexualidade, em suas variadas manifestações,



o que exige do professor um conjunto de informações previamente pensadas e organizadas a fim de assegurar não apenas o esclarecimento das dúvidas destes aprendentes, evitando inadequações e posicionamentos pessoais ao lidar com temáticas tão polêmicas como a diversidade sexual no contexto escolar.

Diante disso, à luz do que defende alguns autores, como Gonçalves (2013), Ferreira (2012), Vargas e Totti (2012), Rios e Santos (2012) e os próprios insumos normativos da organização curricular brasileira (os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN - e demais Programas do Governo), discutiu-se a temática Diversidade Sexual junto aos alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental da EMEB “Jenny Guárdia”, situada em Cachoeiro de Itapemirim (ES) com vistas a romper a visão formalista dos conteúdos elencados pelo currículo de Ciências, de modo transdisciplinar, possibilitando a formação de uma educação sexual voltada ao respeito à diversidade, superando o simples aspecto de tolerância prevista pelas diretrizes educacionais.

O desafio de se trabalhar a Diversidade Sexual no contexto escolar: de que contexto estamos falando?

Tratar da temática Diversidade Sexual durante o Ensino de Ciências nas Séries Finais do Ensino Fundamental é algo desafiador para a ação docente, uma vez que poucos são os recursos pedagógicos disponíveis para auxiliar a ação educativa ou, quando disponíveis, apresentam fragilidade ao abordar essa temática. Entre eles, o principal (e talvez o único) objeto de veiculação de informações científicas para a maior parte do alunado, consistindo numa base conceitual fortemente consolidada como “verdade” para esses estudantes e sociedade civil (e até mesmo para os professores), do mesmo modo em que é visto como provedor de tudo aquilo que é supostamente necessário pra uma boa aprendizagem de Ciências.

Reconhecendo a importância do livro didático de Ciências para a formação do conhecimento científico nos espaços escolares, destacamos que sua contribuição não deve se restringir apenas a veiculação de informações relevantes para o desenvolvimento do pensamento científico, mas incumbe-se por instigar a reflexão de assuntos correlatos, para além dos formalmente estabelecidos pela estrutura curricular, privilegiando também aqueles oriundos das novas formas de representações e organizações sociais que se desvelam no cotidiano do aprendiz, rompendo o tradicionalismo formal, propiciando novas



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

abordagens de ensino que podem ser suscitadas pelos próprios estudantes durante as diferentes situações de aprendizagem. Trata-se, portanto, de permitir que a transversalidade dos conteúdos esteja cada vez mais presente nas construções didáticas dos livros e próxima às vivências dos estudantes, de modo a facilitar o trabalho dos operadores da aprendizagem.

Postas essas considerações iniciais, uma excelente oportunidade ensejada por esta ótica ocorre no estudo sobre a transversalidade dos livros didáticos, notadamente quando voltamos nossa atenção para temáticas extracurriculares, a exemplo da Diversidade Sexual. A escolha desta temática se dá por se tratar de um assunto crítico e polissêmico no cotidiano escolar, frequentemente vivenciado nas atividades educativas de Ciências para as Séries Finais do Ensino Fundamental, ocasião em que os estudantes, em fase de adolescência, despertam para as transformações pelas quais seus corpos estão passando, instigando sua curiosidade a respeito das modificações corporais, psicológicas e comportamentais perceptíveis ao longo de seu desenvolvimento sexual, o que configuram pontos culminantes na determinação de sua sexualidade. Neste contexto, é “na escola que os alunos têm contato e buscam informações sobre os mais diferentes temas, dentre eles, a sexualidade. É

no espaço escolar, através da educação sexual, que se realiza um ambiente propício a discussões legais ligadas à sexualidade” (VARGAS e TOTTI, 2013).

No currículo formal de Ciências, temas como a sexualidade estão implicitamente descritos junto ao conteúdo “Reprodução Humano”, predominantemente contido nos livros didáticos do 8º Ano do Ensino Fundamental (ou 7ª Série em algumas organizações de ensino). Nesses recursos didáticos, a descrição do assunto “Reprodução Humana” aborda plenamente o aspecto biológico, estruturado para promover informações meramente científicas, biologizantes, sobre a anatomia e da fisiologia dos órgãos reprodutivos masculinos e femininos, as descrições sobre o desenvolvimento humano, desde a concepção até o momento do parto, as estratégias de contracepção e as descrições sobre doenças sexualmente transmissíveis. Este conjunto de assuntos é reconhecido como relevante para a compreensão da constituição da natureza humana, reforçando a ideia da reprodução biológica como algo relevante, reiterado pelas práticas socialmente desejáveis, sendo aceitos pela comunidade acadêmica (tanto pedagógica quanto científica) como bases conceituais favoráveis à construção do conhecimento dos alunos.

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



Em outras palavras, a estruturação dos capítulos destinados a “Reprodução Humana” nos livros didáticos de Ciências, nos mostra um encaminhamento para a cientifização do conhecimento, obedecendo às exigências das diretrizes gerais de ensino, elencadas principalmente pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997). Assim como Santos e Greca apud Santana e Waldhen (2009, p.05), constata-se a prevalência dos roteiros tradicionais de ensino nos livros didáticos, conservando, em essência, as mesmas seqüências lineares e fragmentadas de conteúdos, mesmo que enriquecidos com novas ilustrações, o que lhes dão certo status de atualização. Tais observações sobre a prevalência da biologia reprodutiva ganham ênfase quando observamos as iniciativas do Governo Federal em inserir tal abordagem no contexto educacional, mediante a implementação de programas e ações voltadas a saúde reprodutiva, como Programa Saúde e Prevenção nas Escolas, que visa a redução da vulnerabilidade dos adolescentes às doenças sexualmente transmissíveis, à infecção pelo HIV e à gravidez não desejada, com ênfase na promoção da saúde, por meio de ações educativas de prevenção e ampliação do acesso dessa população ao preservativo masculino (BRASIL, 2005, p.17).

Ao que se percebe, os livros didáticos, ao abordar a “Reprodução Humana”, tornam

obscuros outros possíveis desdobramentos conceituais mais contemporâneos implícitos ao estudo biológico da reprodução, como ocorre com a tratativa da Diversidade Sexual, já que os insumos reproduzem informações e conhecimentos perpetuados pelo currículo formal, que em grande parte está desvinculado das novas demandas e representações sociais, silenciando-se frente as múltiplas extrapolações não-formais do estudo da sexualidade, que também faz parte da determinação da formação dos adolescentes.

Tais posturas reforçam as condutas heteronormativas vigentes na sociedade, quer seja pelas descrições textuais, quer seja pelas imagens veiculadas pelos livros didáticos de Ciências, contribuindo para a manifestação nos ambientes escolares de uma sexualidade condicionada à reprodução, minorando as possibilidades de estudo e debates a respeito da diversidade sexual, inclusive da manifestação de uma sexualidade dissonante àquela exigível pelos padrões sociais convencionais, que é subjacente a determinação da personalidade destes seres em processo de descoberta e desenvolvimento. Poucas são as oportunidades contidas nos livros didáticos capazes de despertar o estudo, a reflexão e o desenvolvimento de ações educativas voltadas para os assuntos não-formais, mas que dão



completude aos segmentos curriculares, sobretudo ao estudo da “Reprodução Humana”, a nos mostrar a fragilidade observada nestes insumos no que se refere a Diversidade Sexual.

Mediante de tal silenciamento ou insuficiência de recursos para lidar com tal temática, questiona-se o papel do professor frente ao trabalho desafiador que é lidar com a diversidade, principalmente a diversidade sexual, nas unidades de ensino uma vez que os princípios norteadores, devido a sua amplitude, não regimentam a tratativa desse assunto tão polêmico nos insumos didáticos, tão pouco orientam efetivamente para o rompimento da visão hegemônica acerca da heteronormatividade presente nos livros didáticos. Dito isso, ao que nos parece, cabe ao professor, mediante a sua capacidade inventiva e a sua sensibilidade (e formação acadêmica), desvendar um mundo de possibilidades para atender as vicissitudes explicitadas pela curiosidade discentes no que diz respeito aos assuntos relacionados à sexualidade e aos seus desdobramentos, indo para além dos conteúdos enrijecidos pelo currículo tradicional, explicitados pelos livros didáticos, reforçando a prevalência de um currículo paralelo ao formal: o currículo oculto.

Uma tentativa de transgressão á logica formal curricular:

Visando a transgressão formal do aspecto biologizante relacionado à reprodução e ensejando a discussão da temática Diversidade Sexual enquanto fonte de aprendizagem, foi promovido um momento de reflexão sobre a interferência da Diversidade Sexual no desenvolvimento humano. Para um debate inicial, foi realizado uma provocação, por parte do professor: ele trajou uma vestimenta classificada como pertencente ao gênero feminino (uma saia estilo indiana), acrescida pelo uso de baton, para que ficasse nítida as possíveis reações dos alunos frente ao inusitado.

Em primeiro momento, olhares curiosos e condenatórios foram lançados, acompanhados por expressões depreciativas da personalidade: “o professor saiu do armário”, “aquele boiola se assumiu”, “aquele mulherzinha vai dar aula assim?”, “professor viado”, etc., sempre acompanhado pelo distanciamento dos alunos, como se algo aberrante adrentasse a sala de aula, comprometendo o clima de segurança e de aprendizagem. O novo era visto com repulsa, sendo fortemente marcada pelo preconceito e pela insatisfação, mesmo que velada, diante aquela situação, que se limitava apenas ao vestuário e ornamento. Vale ressaltar que



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

nenhum traço que demarcasse uma conduta feminina foi adotado em tal provocação, a fim de instigar os alunos em suas posturas interpretativas ou inferenciais.

O professor conduziu sua aula normalmente, sem qualquer interferência direta dos comentários sobre sua prática docente, desviando os comentários predominantemente pejorativos feitos pelos alunos, direcionando-os ao estudo do conteúdo estabelecido para a aula do dia. Assim que minimizaram os comentários e a euforia dos estudantes, o professor lançou os seguintes questionamentos: há algo estranho na turma, hoje? Algo incomoda vocês? A partir destes questionamentos, foi feito um círculo em meio à turma, onde foi permitido que os alunos, individualmente se posicionassem frente às suas percepções sobre aquilo que presenciaram. Eis alguns deles:

“Você ficou doído? Não tem nada a ver essa roupa com você! Você só pode estar de brincadeira com a gente!”

“Professor, você resolveu se assumir como gay? Está namorando?”

Gente! Ele só que mostrar que homem e mulher podem usar qualquer roupa que quiser usar. Até mesmo o baton”.

“Esqueceu de tomar o remédio hoje, foi?”

Após serem oportunizados em suas falas, os alunos foram convidados a ouvir o

que o professor queria com aquele momento; ele lançou a seguinte pergunta: “A roupa e o uso do baton fez com que o professor deixasse de ser professor?”. “Isso atrapalhou a forma com que a aula transcorresse?”. Reconhecidamente, todos os alunos presentes afirmaram que nenhum dos materiais usados pelo professor alteraram a forma com a qual a sua aula transcorresse, e que o professor não deixou de ser a mesma pessoa por usar tais comentários, resposta unânime entre os alunos participantes.

A partir dessa premissa, o professor iniciou suas discussões a respeito de como a diversidade, seja ela qual for, é tratada com desprezo e preconceito pela população. Em seguida, foram mostrados aos alunos recortes de reportagens de jornais, revistas e das redes sociais enfocando o preconceito, a agressão e o desrespeito às opções individuais, o que fez com que os alunos refletissem sobre suas condutas frente ao “diferente”. Os alunos foram convidados a refletir sobre ocasiões em que foram vítimas do preconceito por serem “diferentes”, em quaisquer momentos que fossem possíveis, nas suas vivências pessoais. Feito isso, as discussões sobre a Diversidade Sexual ganharam enfoque, permitindo que todos repensassem suas condutas iniciais, para com o professor, desenvolvendo o senso de empatia e de resiliência como formas de respeito àquilo que é novo e dissonante às

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



nossas preferências individuais. Em momento algum foi estimulado o espírito de tolerância, já que por si só, não é suficiente para minimizar o preconceito. Aprender a conviver é umas das habilidades preconizadas pela UNESCO, e que devem ser praticadas em todas as situações, sobretudo nas de aprendizagem.

Ao final das discussões, foi solicitada aos alunos a elaboração de um texto argumentativo a respeito de sua percepção sobre a Diversidade Sexual, a ser entregue ao professor na aula seguinte. Os textos foram analisados e em todos eles ficou claro a

“necessidade de respeito e do bom convívio com as diferenças, mesmo quando não concordamos com elas. Ser diferente ou agir diferente é algo particular e cabe a cada um refletir sobre suas escolhas, desde que elas não interfiram sobre o modo de vida do outro, daí passando a ser abusivo e possivelmente ser alvo do preconceito e confusões desnecessárias”. (Palavras de um aluno).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Por tudo isso, constatou-se que há lacunas significativas para o tratamento da diversidade sexual nos livros didáticos de Ciências, assim como a percepção de uma postura neutra dos insumos norteadores para a

temática, quer seja nas diretrizes nacionais e regionais, por se tratar de um campo polissêmico e complexo, arraigado por grandes mitos e tabus ainda não superados pela sociedade. Tais distanciamentos podem obscurecer as tessituras pedagógicas docentes, favorecendo a prevalência de um currículo oculto, paralelo ao formal, que ficará a cargo da livre iniciativa do professor que se demonstra aberto às demandas suscitadas por seus alunos, e pela sua sensibilidade e criatividade ao transgredir a lógica formal vigente no currículo tradicional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **CADERNOS SECAD 4: Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 2007.

BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos: uma prioridade do governo.** Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FERREIRA, Taisa de Souza. **Montando um quebra cabeças: qual lugar da diversidade sexual na escola?** XVI ENDIPE- Encontro



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Nacional de Didática e Práticas de Ensino.
UNICAMP: Campinas, 2012.

GONÇALVEZ, Eliane *et al.* Imagens que falam, silêncios que organizam: sexualidade e marcas de homofobia em livros didáticos brasileiros. **Currículo sem Fronteiras**, v. 13, n. 2, p. 35-61, Jan./Abr. 2013.

VARGAS, Leila Alves. TOTTI Maria Eugênia. **A abordagem da sexualidade nos livros didáticos de Ciências: uma análise categórica de acordo com os Parâmetros**

Curriculares Nacionais. II Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Belo Horizonte: 2013.

RIOS, Roger Raupp; SANTOS, Wederson Rufino. Diversidade Sexual, Educação e Sociedade: reflexões a partir do Programa Nacional do Livro Didático. **Psicologia Política**, v. 8, n. 16, p. 325-344, Dez. 2008.